

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

S. FRANCISCO DE ASSIS NA POESIA E NA LENDA.

COSTA, Sousa

Ano: 1950 | Número: 60

Como citar este documento:

COSTA, Sousa, S. Francisco de Assis na poesia e na lenda. *Revista de Guimarães*, 60 (3-4) Jul.-Dez. 1950, p. 376-404.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

S. Francisco de Assis na Poesia e na Lenda

POR SOUSA COSTA

Da Academia das Ciências de Lisboa

É preciso pôr a alma em sentido, ao abeirarmos do vulto seráfico de Francisco de Assis — ainda que não seja senão para meditar a sombra do seu vulto. E com a alma, é indispensável pôr o coração em sentido, se procuramos, na via gloriosa do *Poverello*, os passos luminosos do Poeta do Amor do Próximo — ainda que não seja senão no anseio de aspirar o bálsamo das flores que desabrocham da terra beijada pelos seus pés.

Nem de alma e coração em sentido me atreveria, porém, a considerar e julgar dos seus dons altíssimos, a medir a grandeza das suas obras, a acender as luzes do seu altar. O Cristo da Idade Média, na designação de Joergensen, Plutarco rígido do Varão Singular; o *Patriarca da Democracia Religiosa*, como lhe chama Cristofani, está tanto para além do alcance das minhas vãs reverências e dos meus efémeros juízos que não me proponho sequer interpelar, nesta vaga ladainha de ecos distantes, a voz do Evangelizador, do Reformador, do Profeta — *Profeta da Úmbria*, na qualificação de Sebattier, Plutarco flamejante do Varão Sobre-humano.

Curvo-me diante da figura do Patriarca de Assis, a maior da Humanidade depois de Cristo, segundo o conceito de Celano; inclino-me diante do *Esposo da Senhora Pobreza* neste simples e discreto desígnio: — no desígnio de reverenciar a sombra do seu vulto, aspirando no pó a fragrância das flores que embelezam os caminhos das suas jornadas messiânicas.

Vem de longe o meu culto por Francisco de Assis. Cafu-me no coração ainda no berço, emba-

lado pela fé espontânea de minha Mãe. Cresceu, floriu ao calor e fulguração do culto de Guerra Junqueiro pelo *Poverello* — alta labareda de génio, crepitante de unção religiosa, alimentada pela meditação de insignes agiólogos, em louvor do *Missionário da Fraternidade Universal*, labareda que me alumiou e fecundou o coração.

O vulto maior da Humanidade, depois de Cristo. Cristo excluído do grémio, o *Poverello* eleva-se acima de todas as criaturas humanas, sem nunca se desumanisar — subindo gloriosamente a escada da contemplação e do apostolado, sob o signo da Humildade, da Pobreza e da Alegria.

Humildade não é subserviência. Ao contrário, — é força que vence o arco do forte e arma o braço do fraco. Pobreza não é insolvência; nem sequer privação. Ao invés disso, — é celeiro e guarda roupa providos do necessário. E alto saber. « *Povertá, alto sapére* », discorre, no século XIII, o Poeta Todi.

Pobreza e humildade não razoiram por baixo — antes elevam os dignitários que bem sabem servi-las, e que servindo-as, lhes vestem a púrpura da sua alegria, a prestígio nunca atingido pelos potentados do mundo. Estes cevam-se no cisco das temporalidades, blasonam de nabados, ufanam-se de reis, vivendo na escravidão de todas as dependências.

Na verdade: — ninguém acusou Cristo de subserviente, ou miserável, por lavar os pés aos discípulos e por não haver pedra em que deitasse a cabeça.

Isto posto, convém interpretar o significado oculto, as perspectivas simbólicas do florilégio do *Poverello* — florilégio que viceja em todo o encanto cromático e rescende todos os perfumes acariciantes dos jardins da lenda; convém sublinhar a expressão alegórica das flores, das *fioretti*, que desabrocham na berma dos caminhos percorridos pelo Semeador da nova Terra Santa — lugares santos, lugares santificados pela pegada do novo Messias. Mas, para que a expressão alegórica do florilégio franciscano ressalte em toda a sua nitidez, na plenitude da sua traça edificante, é necessário passar a vista pela Itália da era do novo Cristo.

Até para melhor e mais completamente abran-germos o princípio e o fim do proselitismo auto-didacta do Esposo da Senhora Pobreza — até nesse intuito, se nos afigura prudente debruçarmo-nos do panorama tumultuário do Lácio cristão na Idade do Fausto, do Ódio e do Sangue.

Ninguém me ensinou o que devo fazer — diz o Mestre, indicando aos discípulos os mananciais do seu auto didactismo missionário —. Só ao Altíssimo devo a revelação que me trouxe a viver na regra dos Evangelhos.

Porquê? Porque lhe fez o Altíssimo a revelação cristianisadora?

Ninguém ignora o que era a Itália nos dias sombrios da Idade Média — o fausto da Igreja, os ventos do ódio, as tempestades da guerra, as bestas do Apocalipse, na forma e fogsidade dos Pecados Mortais, a ameaçarem, dia e noite, a devastação total, à porta da Casa do Vigário do Senhor, da seara por seu arado e por seu pulso lavrada e semeada.

As raízes do paganismo, sepultadas no fundo dos sulcos abertos pela relha do Jornaleiro da Galileia, ressuscitavam, deitavam renovos, davam frutos, na forma e olor dos que corromperam as almas na era dos Césares, nos dias sangrentos das perseguições dos cristãos, nas horas festivas que tinham Baco por padroeiro — as bacanais de execranda memória.

E o Altíssimo destacou o Esposo da Senhora Pobreza para a vessada redentora, entregou os celeiros dos Evangelhos ao filho da Montanha, nado no Subásio, no aã da restauração da seara de Cristo na terra paganizada — o Cristo da Idade Média, por seu braço, a semear outra vez o trigo vital regado pelo sangue do sacrifício.

Em Março de 1927, referindo-me ao sétimo centenário do *Poverello*, observei que «os mil e um actos de amor do Próximo, por amor de Deus, que Francisco pôs de marcos milários às vias das suas jornadas apostólicas, alvoroçaram, em seu tempo, todas as almas sequiosas de Paz e de Bem».

A observação nada tem de extraordinário. Parece-me conduzir, entretanto, a esta outra observação

complementar: — a dor e os soluços do Próximo, a afogar-se em rios de sangue na Itália do século XIII, foram a seiva que fez florescer, na trilha do Apóstolo, o maravilhoso da mais bela legenda áurea, — legenda que foi, por sua vez, o toque de alvorada de nova luz, de novo dia, na sombra inquieta da Idade Média. A legenda franciscana corresponde, por isso mesmo, ao maior dos milagres averbados ao *curriculum* do Taumaturgo.

Não há dúvida: — a doce luz alvorescente, que parece vir do Céu, sacode as almas sensíveis. Desperta-se para claridades do amor de Deus difundidas na harmonia universal. A nova luz surge. Dissolve, ali, além, velhas sombras nocturnas, muralhas edificadas nas sombras. É o romper da manhã de Abril duma Era Nova — é a manhã do Primitivismo que se anuncia. «Pai da Arte Italiana» chama Renan a Francisco de Assis. Pai da Arte Italiana! Ele surge na Itália do Ódio e do Sangue. Acorda as almas ao canto das suas loas à Paz e ao Bem. Revela no amor do Criador a fonte de amor das criaturas. Luz e canto despertam as almas para os recreios da Paz e do Bem. Com a lira do Bardo de Assis despertam outras liras para os mesmos cantos afáveis. O lusco fusco amanhecendo vai acordando no coração do homem a memória do Criador. Da noite velha emerge, com a nova Luz — uma nova Humanidade. Os pinceis de Giotto e Fra Angélico abrem os olhos cândidos, estremunhados, aos ternos acordes do Bardo andante. O maço e o cinzel estremecem, bocejam, persignam-se, marcam na linha mística da ogiva os anseios do místico arauto do Senhor. A solfa e a batuta, na alvorço do dia que se levanta, concertam matinada de laudes e motetes que excede a do passaredo nas manhãs da Primavera — todos, aqueles e estes, encandeados pelo fulgor que os perturba, a ensaiarem a conjugação universal do verbo Amar — dum Amar que Deus partilha pela irmandade dos seres criados.

Assim, não é só a Arte que desperta na nova Itália. Desperta com ela, de facto, uma nova Humanidade — o «uómo singulare» a romper o casulo do homem gregário, a promover o advento da cons-

ciência individual, contrária à tradição da Idade Clássica, e, no entanto, a receber da Idade Clássica as luzes que hão-de conduzir ao Meio Dia triunfal do Renascimento, — a nova Humanidade a surgir com o novo Dia, Dante e Petrarca no princípio, depois, Leonardo e Rafael, a regerem o tom e a expressão dos valores espirituais do Mundo novo.

Liras, pinceis, escopros, batutas erguem-se da noite velha à toada jovial do Semeador da Paz e do Bem — a semear no solo alqueivado pelas armas o grão aquecido ao seio dos Evangelhos. Por isso, poetas, pintores, escultores, músicos, ficaram a celebrar para todo o sempre, por toda a parte, com os passos do Jornaleiro de Cristo, as flores a cujo divino incenso procurava cativar o coração do Homem.

É uma braçada dessas flores que venho expor, com perdão do leitor generoso, no barro agreste da minha olaria.

Mas, como salientei já, no fito de melhor lhes surpreendemos a seiva e o olor edificantes, convém olhar de relance a Itália dos tempos do Redentor da Idade Média.

*

Ninguém ignora o que foram, para o Império romano, as invasões dos Bárbaros.

Os Bárbaros do Norte invadiram a Itália. Destruíram cidades. Queimaram templos. Com os lumes das almas, apagaram as luzes dos corações. Não deixaram acesa faúlha do fogo sagrado da Roma dos Césares — da Roma, 1.^a Internacional do Mundo.

Primeira internacional, a Roma cesárea. Foi Vlademiro II, Czar da Rússia, quem Iho chamou, no século XII. Depois, no século XVI, foi o Monge Filoteo, quando disse ao pai de Ivan, o Terrível: — Duas Romas internacionais caíram: a dos Césares romanos e a dos Césares de Bizâncio. A terceira, a dos Czares de Moscovia, está de pé, e estenderá os braços sobre o Universo.

O sonho de Vlademiro II é mais tarde acalentado por Pedro, o Grande, o Czar obreiro. É o

sonho hoje trabalhado pelos obreiros da 3.^a Internacional moscovita.

Os bárbaros do Norte rolaram em torrente pela Itália coroada de templos e povoada de deuses. Afo-garam no mar negro dos destroços os mais belos monumentos, as mais luminosas tradições, as mais formosas criações da civilização greco-latina — Átila, Rei dos Hunos, *Flagelo de Deus*, a queimar as hervas do chão ao crepitar das ferraduras dos seus corcéis; a mobilizar todas as armas do Terror na freima de activar a submersão da Cidade Antiga — vasto edifício social em que coube ao grego a primazia de arquitecto, o latino exímio reconstrutor.

A grande Itália, una e indivisível, pertencia o senhorio do Mundo. Sacudida pelo terramoto da queda dos Césares e da quebra da unidade, viu-se de súbito fraccionada em pequenos estados, em convulsivas repúblicas, em ducados, em comunas. A senhoria de ontem baixou a escrava dos antigos vassallos, o grito imperial das águias cesárias emudecido pelo uivo dos chacais, a devorarem, a triturarem a carcassa do Império morto!

Assim mesmo — disse em 1927, repito hoje, ao olhar de novo a Itália escrava e mártir: — «De norte a sul não se ouvem senão pregões de ódio e morte — as províncias que ditaram a lei aos povos vassallos, agora submetidas à tirania de cetros estranhos e ao desvairo do gentio bandeado com o intruso. Os próprios domínios do Vigário de Cristo, que prosperaram à sombra da tolerância de Imperadores pagãos, esses mesmo sofrem as sevícias do ferro e fogo, à voz de condutores que se vangloriam de cristãos — e que menosprezam o poder temporal dos Papas, edificado sobre o remanescente da herança de Carlos Magno. Os reis estrangeiros, dominadores e atrabiliários, até o poder espiritual lhes sonegam — transplantando, das gélidas florestas negras da Germânia, para as solheiras colinas do Lácio, os dissídios sangrentos dos *Gibelinos*, sequazes do Império, e dos *Guelfos*, fiéis à Igreja.

Arrogam-se o direito de Investidura, paredes meias do Plenipotenciário de Cristo. Sagram bispos. Concedem o anel e o báculo, com pingues terras

feudatárias aos sacerdotes recrutados para o seu partido, os quais negam o dízimo a Deus, pagando-o a César em dobro.

Gregório VII não verga diante da prepotência couraçada de ferro. Forte na fortaleza dos seus normandos, excomunga o Santo Império. Obriga o truculento Henrique IV da Alemanha a ajoelhar a seus pés, na tarpeia de Canossa — o Imperador três noites e três dias a fio descalço, sobre a neve, à espera da audiência e absolvição pontifícias. Paga bem caro o estrondoso e efêmero triunfo — paga-o com a tomada e saque de Roma pelas legiões do germano, vassalo promovido a senhor, que o depõe do sólio e impõe a tiara a Clemente III. O inflexível Pontífice Alexandre III lança excomunhão contra Frederico I, o Barbarrôxa. Barbarrôxa responde à bula papal com a invasão da Itália, com as ruínas e matanças de Milão, aos gritos de vivam os *gibelinos*, morram os *guelfos*. Por sua vez, Frederico II, o que se coroou Rei de Jerusalém, excomungado pelos Papas Gregório IX e Inocêncio IX, assola o norte do País, arrasa cidades, trucidando cidadãos, profana igrejas, os *guelfos*, vencidos, escorchados em massa pelos *gibelinos* vencedores.

Gibelinos e *guelfos* envolvem-se em lutas de extermínio. Transformam a Itália em ágreste campo de batalha — os campanários das igrejas dia e noite a tocarem a rebate, aos clamores de morram os *guelfos*, morram os *gibelinos*! As ruas de cidades e burgos convertidas em arenas de feras à solta; as torres e ameias das casas poderosas ostentando por trofeus cabeças estroncadas, membros espostejados.

Instituem-se verdadeiros estados dentro de cada Estado — estados sob o governo de tiranos, cujas dinastias se prolongam por séculos, celebrizadas por suas trágicas sangueiras as dos Visconti, as dos della Scala, dos Sforza, tiranos tipo Ezzelino, o Feroz, carrasco de Verona!

As vozes desses tiranos resume-as Dante, o divino Dante, nestes termos de pesadelo:

— «A nós, carrascos! A nós, aves de rapina!»

São eles quem desterra o bardo sublime e o leva a bater à portaria do mosteiro dos Apeninos, pedindo a sua esmola — suplicando a esmola da Paz cobiciada.

São eles que o afugentam de Florença, «a doce e querida terra latina», o desterro a ungir a sua lira para os acordes imortais do *Inferno*, do *Purgatório*, do *Paraíso*, — comunicando ao *Inferno* a Dor prometaica dos sete círculos da sua própria dor; ao *Purgatório*, a ânsia moiseísta, feita de Dor e Esperança, do regresso à desejada Canaã; ao *Paraíso*, anunciação cristã do prêmio da Dor, a aspiração do regresso à bem-aventurança — esta, simbolizada no Amor, o Amor, por sua vez, personificado em Beatriz.

São eles, os ferinos *condottieri*, alagando de sangue o lar patricio, os autores e ensaiadores de tragédias de amor e morte, como a de Paulo e Francesca, como a de Romeu e Julieta — Romeu, o *guelfo* que na sorte caprichosa da vida teve por prêmio grande o amor de Julieta, de estirpe *gibelina*.

Ela pertence à família Capuleto, *gibelina* incondicional. Ele, à família Montechio, *guelfa* extremista. É o único varão vivo dos cinco gerados por seus pais. Os outros morreram ao ferro dos Capuletos. Tinha de ser fatal o curso de tais amores, desde o início condicionado ao dogma do Ódio e do Sangue.

Santa Isabel de Schoenau, nos fins do século XII, ouve uma voz a dizer-lhe que a «vinha do Senhor morreu, à falta de quem a cultive, os jornalheiros esquecidos da sua jorna».

Santa Ildegarda proclama que o Império e o Papado caíram na impiedade; mas que, das suas ruínas, surgirá um povo de profetas, iluminados do Alto, vivendo na pobreza e na solidão.

A voz de Isabel é a anunciação do novo Messias, do Profeta que há de derribar os poderosos e exaltar os humildes, encher de bens os necessitados e os ricos deixar vazios — do Esposo da Senhora Pobreza, do mensageiro da Paz e do Bem, novo Cristo do insigne milagre.

*

O Mensageiro da Paz e do Bem, novo Messias, nasce daí a pouco, no presépio de Assis, no estábulo da casa paterna. Vem ao Mundo na Ascesi dos primitivos. Na silenciosa e branca Assis, cisne poucado nos flancos do Subásio. Filho da Montanha, a *mater amorabilis* ergue-o ao colo e abre-lhe os olhos para todos os mistérios do Céu e da terra. Deixa-lhe ver as belezas do Céu de mais perto, na crença de quase lhes tocar com a mão; mostra-lhe melhor os encantos da terra que lhe lisonjeiam os afectos filiais, apontando-lhe, ao fundo, o gilvaz esbranquiçado da via sinuosa de Foligno; mais para cá, na meia encosta, os vinhedos, os pomares, que encham cubas e celeiros dos abastados; as florestas de cedros e pinheiros que regalam os sentidos do rico e do pobre; à direita, quintas e «vilas» do vale ubérrimo, desvanecimento e opulência da verde Úmbria; à esquerda, solenes na sua imponente mudez, os picos alterosos dos Apeninos.

Nasce na casa abastada de seus pais. Seu pai, rico mercador de tecidos, chama-se Pedro Bernardone. Pica de Bernardone, sua Mãe, ao entrar nos trabalhos dolorosos do parto, é avisada, por mensageiro incógnito, de que as dores cessarão, se der o filho à luz no estábulo da casa. O filho nasce nas palhas do curral, entre o jumento e a vaca ali agasalhados.

Entrega-se, desde moço, às intemperanças de goso e desabrimento dos filhos pródigos da Fortuna. Numa era em que o fausto de Clero, Nobreza e Burguezia roça a impertinência do escândalo, dá nas vistas o luxo do filho pródigo. Tão imoderado no luxo como na turbulência, canta de noite, pelas ruas, com os amigos, não consentindo à cidade sono tranquilo. Turbulento de gosto, abastado de espírito, confunde amigos e inimigos com a magnificência dos cortejos cívicos e côrtes de amor a que preside. É muito inclinado a excessos, quer no prazer, quer no tumulto, — assinalam Tomás Celano, e os «três companheiros» que hão de ser os seus discípulos amados.

Mas não lhe tolera o ânimo o espectáculo da miséria dos pobrezinhos. Pelo que, no regresso de orgias e festas, despeja nas mãos dos necessitados as sobras da escarcela—ou despe as roupagens, se o ouro já lhe não chega, e com elas veste a sua nudez.

Faz-se cavaleiro das hostes da sua comuna. Coincide o alistamento de Francisco nas hostes bélicas com novo deflagrar de ódios e retaliações entre *guelfos* e *gibelinos*—os *gibelinos* do partido de Frederico II, o Imperador germânico que em seus dias invade o solo pátrio e sufoca a voz de S. Pedro, quase todos recrutados na nobreza, a receberam por prémio da traição largas terras feudatárias; a ferirem, a chacinarem os *guelfos*, apegados à lei da Pátria e do Papado, na maioria filhos do povo, «popolani», enquadrados e capitaneados por escassos nobres fiéis.

Nesta emergência, o ano 1202 em curso, os *guelfos* de Assis tombam desbaratados pela espada dos *gibelinos* de Perusa, na batalha da Ponte de São Giovanni.

Francisco enfileira nas hostes do Papa, ao lado do povo. Francisco é feito prisioneiro. Conduzido, sob ferros, aos ergástulos de Perusa, só um ano transcorrido o restituem à liberdade—à data no viço dos 22 anos.

Retoma a carreira vertiginosa do goso e da incontínência. Os excessos renovados provocam-lhe grave doença física—raiz da reveladora crise moral que há de erguê-lo até Deus.

O homem do Mundo, alumiado pela febre, visiona um Mundo Novo, antes da crise nem sonhado, nem suspeitado.

Os embates da guerra tornam a chamá-lo às armas. É o transe em que, a favor do Papa e da Itália, se põe em campo o cavaleiro Gauthier de Brienne.

Francisco, ao alarme da luta fratricida, vê relampejar no braço do valoroso cavaleiro gaulês o gládio do Arcanjo S. Miguel, que desce à Itália para submeter o ódio e pacificar as almas.

Veste a armadura de campeador. A cavalo, escudeiro à ilharga, marcha ao encontro do impávido Arcanjo.

De súbito, mais nítida, mais possessiva do que na primeira crise, surge-lhe a visão que o agitara na recente doença. Desiste da guerra. Regressa a Assis. Despe a couraça. Cai de cama. Mais uma vez a febre o exalta. Mais uma vez a visão o perturba.

O que será? Não o sabe, ao certo. À procura do que seja, ainda nas lassidões da convalescença, refugia-se em quinta solitária, nos arredores da cidade — onde os amigos o vão buscar, restituindo-o às virtualhas dos festins, afogando-o nos néctares da luxúria, coroando-o de rei dos foliões.

Do rescaldo da violenta recidiva febril, rescaldo soprado pelos ventos das intemperanças da vida licenciosa, a visão torna a levantar-se. É neste lance que ele ouve, dentro de si, a voz do Altíssimo a ensinar-lhe a lição dos Sermões da Montanha — para que, da ressurreição das parábolas de Jesus, o Profeta do Amor do Próximo extraia a graça da reconciliação dos homens, e a depuração do culto ao Senhor, restituindo os homens à Humanidade, ao Senhor os lobos convertidos em cordeiros.

Foge de casa. Acomoda-se na mísera capelinha de S. Damião, na pendente do Subásio, a dois tiros de funda de Assis. Em S. Damião depara-se-lhe um Cristo crucificado... como outro nunca vira. Pobrezinho como a sua capela. Lacerado de chagas. Cheio de sangue, suspenso da cruz. E não acolhe as visitas de face dolorida. Bem longe disso — acolhe-as de parecer sorridente; satisfeito com a sua pobreza e as suas chagas; como se a sua pobreza fôsse a sua maior dignidade; como se o sangue das suas chagas, em vez de lhe saber a fel, lhe soubesse a mel.

Por obra da instrução deste Cristo, sorridente na pobreza e no sofrimento, aprende a ser feliz na humildade e alegre no sacrifício — os dois melhores contravenenos da soberba e do ódio. Ainda por obra dessa lição, celebra as suas bodas místicas com a

Senhora Pobreza — na pobreza, na humildade e na alegria alicerçando a cidadela donde sai a domesticar o coração do Homem, fera cevada na soberba e no ódio, cantando alegremente a canção da *Paz e do Bem* — no afã de tornar o Homem humano.

Na volta à cidade, o rapazio mal o reconhece nas vestes pobres e no ar humilde. Reconhecendo-o, corre-lhe no encaço, cobre-o de insultos, grita, em coro:

— Ecco il pazzo! Eis o louco!

Louco de amor. Louco de amor que renuncia a todos os bens da fortuna, a bem dos pobres de pão; que enjeita todos os bens do corpo, a bem dos pobres de espírito; que repudia todos os bens da vida, a bem dos pobres de humanidade — no triângulo que vai de S. Damião à Porciúncula, da Porciúncula ao Monte Alverne, do Monte Alverne retornando, em linha recta, a S. Damião, onde compõe, olhos fitos na morte corporal, o *Cântico das Criaturas*, o *Hino ao Sol*, segundo Renan, o mais belo trecho de poesia religiosa, depois dos Evangelhos; em S. Damião, fechando o triângulo da maior jornada do Mundo, depois da de Cristo — então, já grandes e pequenos, quase de joelhos, tocados pelo terno fulgor que o ilumina, murmurando, rezando: — Ecco il Santo! Eis o Santo!

No Monte Alverne está o vértice luminoso do incomensurável triângulo. É o Tabor e Calvário do novo Messias — monte onde completa a sua transfiguração e onde se põe tão perto de Cristo, que se lhe reflectem no corpo as Cinco Chagas. Nos cimos do Monte Alverne — sempre a Montanha a colaborar com o Homem nas suas jornadas cicllicas! — à luz prismática das altitudes, sob a «nostalgia das colinas eternas», o Cristo Umbriano quase se confunde com o Cristo Galileu.

Temo-lo outra vez armado cavaleiro, desta vez Condestável do Senhor — ostentando a pobreza por estandarte, a humildade por armadura, a alegria por gládio. Af vai, por cidades e comarcas, por montes e vales, na guerra contra a cobiça; na guerra contra o ódio; na guerra contra a ostentação; na guerra

contra a guerra; pobrezinho que dá o que nunca deram nababos; humildemente, alegremente, a cantar o divino poema da Paz e do Bem—«Pax et Bonum, as mais belas flores do Amor»,—canta, na sua voz canora.

Riquezas? Dignidades? Pompas? Tudo raízes do mesmo ódio, latifúndios da mesma soberbia.

—Não tem nada? Ter ou não ter—dois polos duma relação de quantidade que por vezes se encontram e confundem no círculo de abraço fraterno—já se haviam encontrado e confundido no «Milagre dos Pães».

O *Poverello* não tem nada. E tem tudo—tudo e tanto que ainda lhe chega para repartir por todos os necessitados.

Se chamássemos Epicteto à pedra, nesta instrutiva tabuada, Epicteto, que nada possuía em Roma além da sua túnica, da sua sombra e do seu desprezo pelas coisas do Mundo, diria, infalível:

—O mais rico dos ricos! Eu não valho um graeiro ao pé dele. E sou maior do que César, escravo dos seus escravos.

A vida messiânica do *Poverello*, afigura-se-me, por isso mesmo, considerada na pluralidade dos seus bens espirituais, um rio de águas largas, mansas e cristalinas, bordejado de pão e rosas—rio que dá de beber a todos os que têm sede de amor; pão que dá de comer a todos os que têm fome de justiça; as suas rosas fragrantíssimas contentando todos os que têm fome e sede de Beleza e de Verdade.

O *Poverello* de Assis, descalço, sem alforge, sem bordão, ao lado dos seus dois companheiros, dois no princípio, logo três, os três discípulos amados, Frei Leão, Frei Maseo e Frei Ângelo, percorre a Úmbria e a Toscana. Vai a Perusa. Desce a Roma. Dobra ao Egipto, à Síria, cantando sempre a divina canção da Paz e do Bem, dando às almas calma, temperança e harmonia, abonos nunca recebidos dos tesouros mais opulentos.

É a situação quase paradoxal, dar muito, nada tendo, que o nosso D. Francisco Manuel de Melo,

observador e insigne criticista de seiscentos, comenta, nestes termos, no seu fácil castelhano :

«Siempre pide, y siempre dá,
Que és um estraño capricho;
Mas yo no sé como pueda,
Ser tão pobre, se és tan rico!»

A sua misericordiosa pobreza, a sua transcendente humildade são celebradas, em nossos dias, no nosso lar, por Marta Mesquita da Câmara, neste soneto, neste Laudamos, olhos e coração fitos no Grande que ajoelha no pó humilde e que dali domina o infinito do espaço e do tempo :

S. Francisco de Assis, foste a pobreza...
E essa pedra de toque da humildade,
Foi a base, o alicerce da grandeza,
Que houvera de assombrar a humanidade!
S. Francisco de Assis foste a pobreza...
E dessa humilde chama, a suavidade,
Enchendo o mundo inteiro de beleza,
Projectou seu clarão na Eternidade...
Pobreza ao pé da qual o mundo é breve,
Humildade a que o tempo não se atreve,
O tempo que destroi, que tudo finda...
Pobreza que não é palavra vã:
Foi passado, é presente e que amanhã,
Será grandeza, glória, assombro ainda».

«O coração em júbilo alegre o semblante; com a tristeza da alma abate-se o espírito» — sentenciou Salomão nos *Proverbios*. Francisco de Assis recebeu do Cristo pobrezinho de S. Damião os ensinamentos da alegria na pobreza e na dor. De sorte que, como acentua Joergensen, ele prega com infatigável insistência: — «Vivei sempre em alegria»!

Augusto Gil, um dos rouxinóis da lírica lusfada, traduz nestas rimas, no *Elogio da Alegria*, a incorruptível jovialidade do Esposo da Senhora Pobreza :

Montes silentes — mais calados eram...
São Francisco de Assis ia pregar.
E os rios e os arroios suspenderam
A sua ânsia vã de serem mar...
De aliciente e consolante esperança,
Homens e pedras, toda a natureza
Tinha uma almazinha de criança...

Por isso foi, talvez, que um inocente
 Menino, vindo ao colo ainda a dormir,
 Acordou de repente, alegremente,
 E desatou a rir, a rir, a rir!
 Tomou-o S. Francisco no regaço,
 Com gesto afável e semblante amigo.
 E erguendo os olhos ao hialino espaço,
 Comentou lá para consigo:
 Bom riso, bom coração ...
 O riso deste menino,
 Seja o tema do sermão,
 Do meu sermão pequenino.
 Virtude e contentamento,
 Unidos num coração,
 São o melhor casamento,
 Do sentimento cristão.
 Diz a Bíblia, onde passa
 Deus falando o verbo humano:
 — A tristeza é como a traça
 Que destroi o melhor pano.

Paredes meias da alma do Santo vive o coração do Poeta — o sonhador, o visionário, muitas vezes, sem saber como, sem saber porque, na «sua salubre ignorância e nativa sensibilidade», como Lafenestre observa em relação ao Patriarca da Úmbria, operando maravilhas defesas aos sábios da Grécia, ricos de doutos conceitos, tantas vezes frios, inertes e infrutíferos como seixos.

O coração do Poeta toma inúmeras vezes a palavra pela alma do Santo. De Altíssimo Poeta o titula o Altíssimo Dante. Sebatier proclama-o «antes de tudo poeta e artista». Joergensen sublinha o seu amor «ao canto e à poesia». De «pai da Arte Italiana» o designa Renan. «Poeta do amor» lhe chama Faccinetti. «O mais poeta dos santos e o mais santo dos poetas» — lhe chamou alguém, algures. Ele chama-se, a si mesmo, humildemente, *Trovador de Deus* — *Trovatore de Dio*. Mais humildemente ainda diz-se o *Jogral de Deus* — *Guillare de Dio*. E o *Jogral de Deus*, cavaleiro andante da *Paz e do Bem*, não cessa de correr montes e vales, despertando o coração da verde Úmbria, acordando Roma dos seus truculentos orgulhos, e a Síria, e o Egipto, sempre ao grito do *Hino ao Amor* — «grito de entusiasmo como outro se não soltou ainda», comenta o calmo Montalembert.

E exulta, e canta :

«Amor, amor!» — grita todo o mundo. «Amor, amor!» — clamam todas as coisas. «Jesus, Esperança minha! Afoga-me em amor!»

Afogado no amor do Próximo, em obediência ao amor de Deus, ele ama irmãmente todos os seres criados, filhos do mesmo Pai. Assim, na vastidão do Universo, reconhece por irmãos o astro e a toupeira; o fogo e a rocha; a flor e a larva; o irmão lobo e o irmão cordeiro; o irmão justo e o irmão pecador.

Não subordina, porém, a fraterna comunhão das espécies ao prisma visual do pantefista. Não vê Deus em tudo e em tudo Deus. Não iguala o que obedece ao que manda. Não subordina o eterno ao efémero, a onipotência criadora no posto da migalha criada — a causa igual ao efeito. Não. Segundo a sua lei de unidade, Deus, Criador, tem sobre as criaturas o ascendente hierárquico, o sólio, o governo, a autoridade do Pai sobre os filhos.

É a fraterna comunhão enunciada em aliciantes ritmos pelo grande Poeta Teixeira de Pascoais :

Irmão do sol e da humildade,
Que é a mais perfeita claridade;
Irmão do amor e da pobreza
E da candeia acesa,
Nas trevas deste mundo ...
E do lobo, faminto e vagabundo,
Na serra, à lua cheia;
E da água clara e pura,
E da vida que os astros incendeia,
E da morte que as almas transfigura.
Divino irmão
De toda a criação!
Teu nome, como a luz,
Percorre o azul dos céus.
Foste no mundo, a imagem de Jesus,
Que foi, no Mundo, a aparição de Deus.

Mas, embora o Poeta cante a Paz e o Bem com voz «suave, chiara, harmoniosa e agilíssima», consoante testemunha Celano; mas, a despeito do Bardo golfar do coração labaredas de amor, convocando ao amor o coração do semelhante, o seme-

lhante, armado até aos dentes, conserva-se surdo às suas jaculatórias, a que dá de retorno morticínios e orfandades, a grita satânica da guerra e do extermínio abafando o trilo angélico da Paz e do Bem.

Ciente disto, convicto de que pregar ao semelhante o mesmo é que pregar no deserto, entra a pregar às aves e às feras — na certeza de que, chamando ao bem os irmãos menores da Criação, por sua via introduzirá o bem no coração dos maiores, bloco até ali inacessível à palavra de Deus, contumácia até ali surda à lição da humildade, o esposo da Senhora Pobreza, ele mesmo, a professá-la em seu hábito e seus hábitos.

Consta da *Legenda Trium Sociorum*, os Santos Evangelhos dos três discípulos do Mestre umbriano. Os três irmãos lá o escrituram, no capítulo da *Legenda* consagrado a Santo António — na hierarquia mental o primogénito entre os filhos espirituais de S. Francisco. Em Rimini, assinalam os discípulos, havia grande multidão de heréticos. E, experimentada a sua contumácia no erro, Santo António pôs-se a pregar aos peixes, a fim de, por este meio, «reprender a insensatez desses hereges».

A acção edificadora sobre os homens exerce-a o Apóstolo, frequentemente, através do recurso às lições alegóricas em que os animais figuram de mestres — o Apóstolo, na obra grande, a manejar a pequena ferramenta do Poeta. Já moralistas anteriores a Cristo, Esopo, Fedro, nas suas fábulas, castigavam os erros do racional, pela voz do irracional. O missionário experimenta a lição sugestiva na via de Assis a Montefalco. No caminho deparam-se-lhe as gentes temerosas do castelo de Savurnano, contumazes nos pleitos à mão armada. Ele prega-lhes a Paz e o Bem. Elas rosnam vindictas e sangueiras, o ouvido, calafetado pelo ódio, impermeável à água purificadora. S. Francisco enxerga um colégio de andorinhas a palrar no beiral de moradia próxima. Como os homens teimem em não lhe dar ouvidos, dirige-se às palradoras. Diz, docemente, às tagarelas:

— Irmãs andorinhas! Por Deus, nosso Pai, peço-vos silêncio. Peço-vos silêncio... durante a prédica que vou fazer-vos. É para vós, irmãs ando-

rinhas, o meu sermão de hoje, a agradecer-vos, pelo nosso Criador, o amor a vossosinhos, a vossos filhos, a vossos irmãos!

As andorinhas escutam-no em silêncio. E as gentes consternadas abrem o ouvido à palavra lustral.

Depois segue na mesma via, de Savurnano para Bevagna. Impede-lhe a marcha rude multidão, a vociferar pragas e cruezas. O Missionário descobre, em campo do contorno, outra multidão, esta de aves silvestres. Sem perda de tempo aproveita a presença da legião alada para semear na alma da turba feroz.

— Irmãos passarinhos, — declina, endereçando-lhes a palavra e o gesto — sede gratos a Deus, nosso Criador. Honrai-o em todos os lugares. Vós nem semeais, nem colheis. No entretanto, Deus não vos falta com o preciso no refeitório. E oferece-vos fontes por bebedeiros, árvores por albergaria. Vós nem sabeis fiar, nem tecer. E Deus não se esquece das vossas vestimentas, das vossas e dos vossos filhinhos. Por isso, meus irmãos, livrai-vos do pecado da ingratidão, e louvai o Senhor a todas as horas!

Logo, tocados pelo brando poder do verbo melodioso, os pássaros sacodem as cabeças multicolores, abrem as asas jubilosas, e orquestram a sua sinfonia em honra e louvor de Deus — os homens humilhados fazendo penitência, mais instruídos pelo exemplo das aves do que pelo verbo do pregador.

A este tempo já S. Francisco de Assis destingue entre os discípulos a bem amada Clara de Assis — superiora do Conventinho por ele e discípulos edificado sobre a capela de S. Damião.

S. Francisco visita-a num dia de inverno. Escarpas e planuras dormem sob imenso lençol de neve. É nesse dia invernosso, hastes e ramos amortalhados no alvíssimo lençol, que se dá o *milagre das rosas* — milagre que tem inspirado inúmeras líras, inumeráveis batutas.

Clara, à despedida, pergunta-lhe quando tornará a vê-lo.

Ele olha a terra, os ramos, as hastes sob a fria e branca mortalha. E responde, sorrindo:

— Agora . . . só aqui tornarei . . . quando as rosas florescerem.

No mesmo instante, planuras e vertentes apparecem-se-lhes vestidas e revestidas de rosas.

Outra lenda enternecedora: — a do jantar do Patriarca, com a filha dilecta, em Santa Maria dos Anjos.

Santa Clara deseja comer à mesa do Patriarca.

— Pois seja! — decide o Santo. E acrescenta: — Jantaremos, não aqui, em S. Damião; jantaremos no conventinho de Santa Maria dos Anjos.

No dia e hora aprazados, S. Francisco senta-se à mesa, com a irmã Clara e os irmãosinhos. A mesa é a terra nua. O jantar, as orações da hora canónica. A meio do repasto «os homens de Assis e Betona» testemunham, deslumbrados, fenómeno singular: — o mosteiro e o bosque da cerca afogam-se num mar de chamas. As chamas erguem-se, fulguram, envolvem o bosque, envolvem o mosteiro. E nem crestam as folhas do bosque, nem queimam os vigamentos do mosteiro. É o fogo do amor de Deus, que o Poeta Alves Martins, no seu poema *S. Francisco de Assis*, enquadra nesta expressiva moldura:

Tão divinamente fala
Francisco do amor de Deus,
Que o fulgor do azul dos Céus
Suas palavras iguala.

É puro amor que se exala;
Rasgam-se místicos véus.
Labaredas! Fogaréus!
Fogo que tudo avassala.

Assis, ao longe dá conta;
«Que incêndio, meu Deus!» E tonta,
Para acudir se prepara.

Acorre a Santa Maria;
«Fogo de Amor!» Quem ardia? —
S. Francisco e Santa Clara!

Outra lenda das rosas, — a do canteiro de São Damião — lenda referente ao momento em que Satanaz tentou, à semelhança do que fez a Jesus, o mensageiro da Paz e do Bem.

Parece ser este o canteiro de rosas louvado pelos ternos gozeios de Mário Beirão — fonte lusiada

de formosas e humanas ressonâncias. Louvou-o, neste soneto:

Na paisagem de ledos conventinhos,
De ciprestes e graças e perdões,
Há um canteiro de astrais fulgurações,
Canteiro de rosas sem espinhos.
O seu olor transporta os pobrezinhos
Os que cismam às grades das prisões,
E os que, em súplicas, falas, orações,
Enchem de espanto os ecos dos caminhos!
Louvado seja o roseiral, disposto
Por um Anjo, talvez na suavidade,
No silêncio dum místico sol-posto!
Oh perfume que ascendes ao Senhor,
Perfume das roseiras da Humildade,
Santifica e redime a nossa dor!

O Santo sai em pregação ao condado de Agobio — o Gubbio de hoje. Nas montanhas verdejantes, donde se descortinam os cabeços azulíneos de Forlì, encontra o ódio em fúria brava, menos sensível à goiva do Evangelho do que o cristal ao diamante.

Mas, nos recôncavos das montanhas de Gubbio, impera um lobo corpulento e ferocíssimo, que dia e noite se banqueteia nas ovelhas e homens da comarca.

Ah, sim? Francisco de Assis delibera requerer audiência ao lobo — na certeza de confundir os homens cruéis, persuadindo-os, por seus olhos, de mais carnicieiros do que a besta fera, e chamando-os por este caminho à mansidão do rebanho.

Na trilha do Santo segue muito povo, trémulo de terror. Todo esse povo se confrange ao descobrir o lobo, o tirano, que investe com o missionário, de colmilhos arreganhados.

— Irmão lobo! — declama o Patriarca, sereno, a traçar na fronte o sinal da cruz. — Em nome de Cristo te recomendo que não me faças mal. Nem a mim, nem a qualquer dos seres presentes!

Sob a estupefacção dos homens mais sanguinários, a fera ouve-o e queda-se na postura mansa do cordeiro.

— Irmão lobo! — continua o arauto do Amor. — Tens cometido grandes crimes. Tens destruído criaturas de Deus, sem licença da sua divina Autoridade! Merecias a força, por ladrão e assassino.

Toda esta gente — aponta-lhe a turba consternada — vocifera contra ti. É eu quero, irmão lobo, celebrar a paz entre ti e ela. Se for do teu real agrado assiná-la, assevero-te que não passarás fome. Bem sei. A fome te obriga a muitos crimes. Mas promete, irmão lobo, ser bom para todos, de hora em diante. E o Senhor estará contigo, sem esquecer o conduto e o presigo do teu passado.

O irmão lobo, constricto, senta-se aos pés do conversor. E dá-lhe a pata dianteira por sinal público da Paz assinada — o que edifica os serventuários da ira e do sangue no exercício de obras que aproximam a criatura do Criador.

São muitos os agiólogos do seráfico Capitão da milícia franciscana que consideram o lobo de Gubbio figura símbolo, imagem tipo, não um indivíduo específico, um lobo verdadeiro. Numerosos dos seus cronistas veem na fera do monte Gubbio um dos torvos *condottieri* que regavam a sangue de *guelfos* e *gibelinos* o solo pátrio, — tipo Ezzelino de Verona, o Feroz. Dele diz Jacob Bruckhardt, ao estampar-lhe a effigie num dos panos murais da série magistral que é a sua obra — *Itália do Renascimento*; dele diz Burckhardt: — Ezzelino erigiu o seu trono sobre cabeças destroncadas nas mais bárbaras carnificínias.

Cinge-se aos moldes da interpretação alegórica do lobo de Gubbio a lírica jaculatória do querido e grande Poeta António Corrêa d'Oliveira, quando, neste aliciante soneto, roga ao Divino Auzente, ao Irmão Francisco, que volte a domesticar a fera renascida:

Amigo, vem ... O Lobo, em certo dia,
Tornou-se manso à voz que tu lhe deste;
E as Rolas, pelo outono, ao vento leste,
Preferem tua doce companhia.

O Lobo imagem foi, que Deus sabia,
Da Humanidade qual a tu fizeste;
E as Rolas são a luz, o amor celeste,
Por ti baixando à terra escura e fria.
Mas tu partiste. E as Rolas, não te vendo,
Tornam aos Céus; de novo o Lobo horrendo,
Infesta o campo, a cidade e os lares.
Perde-se o Mundo em lóbrego abandono;
A Vinha quer os olhos do seu dono:
Roga a Jesus ... É tempo de voltares!

Comunga no mesmo credo Júlio Brandão, no admirável soneto que termina por estes tercetos exemplaríssimos, tão sincrónicos com o significado da rogatória acima reproduzida:

«Irmão Lobo, sê bom!» E a fera o escuta;
E fica mansa como ovelha mansa;
Depois, vive entre todos como amigo ...
Ó Santo! Ó grande Poeta! Nesta luta,
Da alcateia dos homens, que não cansa,
Vem amansá-los, como ao lobo antigo!

Já a lira de cordas suavíssimas de Maria de Carvalho, música regida pelas palpitações de afável coração, se integra no conceito clássico da fera silvestre, humanizada por sortilégio do Taumaturgo:

— Meu irmão lobo ... repetiu o Santo.
E nessa voz havia um tal encanto,
E no gesto um poder tão comovente,
Que a fera, então — insólita aliança!
Ergueu a pata, subjugada e mansa,
E pousou-lha na mão, humildemente.

Francisco, sempre Poeta, Poeta na prática a Deus, ao homem, à fera, glorifica Deus desferindo rimas fulgurantes de claridade e alegria — alegria na fé, alegria na oração, alegria no trabalho. Fala a Deus como a Pai, não como a tirano, pronunciando o seu nome em voz clara, a voz da alegria, não em tom cavo, a voz do terror. Cantando, alto e bom som, pede esmola. Cantando, por montes e vales, grangeia o óbulo da caridade; até para construir o mosteiro pobrezinho de S. Damião, na querida montanha, que, mesmo quando não seja mãe, nunca deixa de ser preceptora.

E é ainda como Poeta, sempre Poeta, que, na marcha para o *Conventinho da Porciúncula*, refúgio e penitência dos seus *Fradinhos Menores*, livra da morte as rolas bravas que um rapaz conduz à feira.

— Irmãosinho, — pergunta, confrangido, ao moço feirante: — Onde levas essas rolas?

— Levo-as ao mercado. Cozidas na caçarola, fazem um caldo de cardeal ...

Francisco fita os olhos nos olhos do mocinho. Denotam candura igual à dos olhos das prisioneiras.

Contempla em seguida as rolas. As suas mãos cordiais, amigas da carícia e da oração, pressentem-lhes o palpitar dos corações aflitos, aconchegadinhos em suas vestes. E pergunta-lhes . . . porque se deixaram prender. E exorta o moço ao indulto de criaturas que nem mataram, nem ultrajaram. E murmura, a palavra um acorde unguído de celeste graça, então já a conduzir para o mosteiro as monjas libertas, monjas pequeninas, hábito e escapulários cinzentos:

— Irmãzinhas rolas! Rolas simples, inocentes e castas. Livrei-vos da morte, para vos fazer o ninho. Crescei e multiplicai-vos, obedientes à regra do vosso Criador.

E no Conventinho as irmãs rolas confundem-se, em breve, pela mansidão, com as irmãs galinhas, aquarteladas na cerca; pela familiaridade, com o irmão falcão, que todas as manhãs visita na cela o irmão Francisco.

Depois o Senhor doa ao Santo as suas Cinco Chagas. E à dor e à luz das Cinco Chagas, doadas na cumieira do Monte Alverne, seu Tabor e seu Calvário, pelo Cristo da Idade Pagã, o Cristo da Idade Média continua a combater o paganismo dos corações falsos — mobilizando agora, e sempre, as parábolas do Mestre na hora do seu combate ao paganismo dos falsos deuses. Dor e Luz, força suprema do Missionário, na missão de extrair águas cristalinas de concórdia e fraternidade da penha bruta de corações duros.

A Luz das Cinco Chagas, cinco estrelas, é assim cantada pela voz harmoniosa de Luís de Magalhães:

Ó meu S. Francisco, doce Pobrezinho,
Coração ardente, espirito de luz,
Como cinco estrelas, guiem meu caminho,
Essas cinco chagas que te deu Jesus.

A Dor que delas irradia, a dor das Cinco Chagas, assinala-a, nesta quadra, a voz gloriosa de Eugénio de Castro:

Sentindo a dor dessas chagas,
Chora o Santo e rompe aos ais,
Não pela dor, mas com pena,
De não sofrer muito mais.

Está escrito nos livros: — O *Poverello* abençoa as águas de Cliptumen, geradas no seio das neves dos Apeninos. Os bois da região bebem essas águas. E elas comunicam-lhes a alvura da neve. É também das escrituras: — O Troveiro, de noite, entoava uma das suas laudes a Deus, na cerca de Santa Maria. Um rouxinol ouve-o e põe-se a cantar com ele. Os dois cantam ao desafio. O Troveiro canta. O rouxinol ouve, em silêncio. Cala-se o Troveiro. Canta o rouxinol.

Nem sei se é a voz da ave, se o gorgoejo do Trovador, o trilo destes versos de Afonso Lopes Vieira, em memória do inefável duelo:

Num ramo, entre a espessura,
 canta, canta um rouxinol
 seu canto lindo:
 são pingos da luz do Sol
 na noite escura caindo;
 é cascata que descendo
 vai sobre as pedras tinindo;
 vento bolindo nas folhas,
 e fria fonte gemendo ...
 O santo escuta, sorrindo:
 e ante o mistério suave
 da voz da ave,
 ergue a sua voz, cantando
 quando se cala a mais bela;
 e as duas vozes, subindo,
 — uma jamais repetindo,
 a outra seguindo aquela —
 na noite calma e profunda,
 são bocas da mesma alma.
 Mas já o santo emudece:
 e a outra voz, que parece
 mais fresca, mais moça agora,
 canta, geme, sorri, murmura, chora
 seu canto lindo:
 são pingos do Sol
 na noite escura caindo.
 E diz-lhe o santo, sorrindo:
 — Venceste, irmão rouxinol!

Consta ainda dos tombos franciscanos: — Em dia sufocante de Agosto, o Embaixador de Deus desce de Rivo-Torto, sob a torreira do sol, para levar os sacramentos a um moribundo.

Irmãs andorinhas, em bando, vêem o Irmão Pregador. Reconhecem-no dos muitos sermões que lhe têm ouvido. Estremecem de piedade, não vá o Irmão tombar sob os raios de fogo. E unem-se. E voam na sua trilha. E ligam asas com asas. E tecem no ar um pálio, por cima negro, por baixo de arminho, de tal espessura, que o sol não poderia crestar, nem que quizesse, um cabelo do Irmão Francisco.

É a lenda, é o prodígio pelo estro de Campos Monteiro orquestrado nesta surdina da melopeia:

Muito unidinhas, — lembrando, ao vê-las,
 Uma ramada, sobre um vergel, —
 Asa com asa, lá seguem elas,
 Cobrindo o santo, como um dossel.
 Dossel de penas, tão largo e denso,
 Pálio de arminhos, tão amplo e belo,
 Que um mar de sombra ficou suspenso,
 Sobre a cabeça do «Poverello»...
 E, mergulhado numa frescura,
 Como a das noites ou das manhãs,
 Sorrindo, o Santo diz com doçura;
 — «Deus vo-lo pague, minhas irmãs!»

E o *Trovatore de Dio* acrescenta, todos os dias, as cordas pujantes da sua lira, nas *Laudes de Virtutibus*, poema que maravilha os doutos, nas *Laudes Dei*, o maior poema da exaltação de Deus.

«Só tu és Santo e Senhor! Tu és nossa vida, eterno, grande e admirável Senhor, Deus Omnipotente, misericordioso Salvador!

Em Setembro de 1224, despede-se do Monte Alverne. Despede-se em ânsias, chorando e cantando:

— Adeus, montanha de Deus, montanha santa!

Muito doente, ceguinho quase, aceita um jumento de empréstimo para fazer a jornada.

— Irmão burrico! — desfere, ao aceitar a esmola, em carinhosa fala à criatura: — Quero-te como se fosses um dos meus fradinhos. É que tu, como eles, enjeitas o cetim e perfilhas o burel. Como eles, foges do palácio, para te abrigares na cabana. Como eles pões na tua mesa o que os fartos e soberbos repudiam. Mas, perdão, irmão burrico!

Blasfemo contra os teus dons. Tu alcançaste maior valia do que os meus fradinhos. Não. A eles nunca lhes coube a glória de transportarem às costas o nosso Salvador!

Jornadeia, aos zigzagues, no rumo do *Conventinho de S. Damião*, onde torna de visita a Santa Clara, sua filha dilecta, sua irmã gémea por Amor de Deus, no Amor do Próximo, obra prima do joalheiro de almas, monumento místico da Renúncia, do Sacrifício e da Fé.

Junto da bem amada Clara, discípula que prescreve à Humanidade doente o bálsamo da «alegria de viver», o Sumo Sacerdote do Amor eterno, não o fariseu salariado do Amor a prazo, lança ao Mundo o seu canto do cisne — o *Cântico ao Irmão Sol*, o *Cântico das Criaturas*.

Antes do *Cântico das Criaturas* soitado pelo obreiro do Senhor, que vê Deus no governo do Universo, ouçamos o *Cântico das Criaturas* desferido por Amorim de Carvalho, Poeta-Filósofo de rimas cristalinas, que transcendem o âmbito do lirismo passional. Poeta de inclinação panteísta, subordina Deus às leis do determinismo da Vida Cósmica — Deus e o mundo unificados e irmanados num só e mesmo Ser — visão antípoda da enunciada pelo Profeta da Úmbria, que vê em Deus o Pai Criador, o Conservador e Detentor do Mundo, o Universo sob o seu governo uno e Todo-Poderoso.

Ouçamos o *Cântico das Criaturas*, do poema *Il Poverello*:

Mundo bondoso e Onnipotente:
 Louvado sejas, em tuas criaturas;
 Com o irmão Sol que fez o dia,
 e os nossos olhos alumia,
 lá das alturas,
 e cujo resplendor revela a tua imagem,
 nas cores da paisagem!
 Louvado sejas pela irmã Lua e irmãs Estrelas
 que criaste no Céu, preciosas e belas!
 Louvado sejas pelo irmão Vento;
 pelos Ares nublados ou serenos; pelos anos que
 correm; pelo nosso Sustento!
 Louvado sejas pela irmã Água, tão humilde e que
 faz tão bem!

Louvado sejas pelo irmão Fogo, que nos aquece, e
alegra e enche a noite de luz!
Louvado sejas pela irmã Terra, nossa mãe,
que para nós produz,
árvores, fruto, flor!
Louvado sejas pelos que perdoam por amor e que
padecem atribulações e en-
fermidades, de ânimo forte!
Louvado sejas pela vida que nos deste, e pela
nossa Morte.

Agora, para fechar o rosário de lendas e poemas da agiografia franciscana, ouçamos um trecho do sublime Poema, do divino Poeta—o seu mais intenso, o seu mais belo Poema em louvor do Criador, Pai das criaturas:

«Altíssimo, todo poderoso, bom Senhor! — pre-
ludia, os olhos prestes a cerrarem-se, e a procurarem,
da pobre cela, o Sol que esplende nos cumes da
montanha: — São para ti todos os louvores, Glória
e honra, e todas as bençãos!

«Louvado sejas, meu Senhor, por todas as tuas
criaturas, e antes de todas, pelo senhor irmão Sol,
o que nos dá o dia, que nos distribui a luz!

«Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã Lua, e
as estrelas, que tu acendeste no Céu, claras, pre-
ciosas e belas!

«Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão Vento,
e pelo ar e a nuvem, e pelo sereno e vário tempo,
governo e direcção das tuas criaturas . . . »

Após a erupção do *Cantico de Frate Sole*, cre-
pitar de fogo que se desentranha em amor e luz, o
Jogral de Deus despacha os seus frades por cidades
e campos, a cantarem o seu hino, ainda na ânsia
de convocar o coração dos homens aos ofícios da
humanidade.

A morte aproxima-se. Sente-a perto. Quer
morrer onde nasceu. Sob a montanha que lhe
foi berço.

Ao chegar à cidade natal anunciam-lhe desa-
venças ferinas entre o Bispo, o «irritável Guido»,
conforme diz Sebatier, e o Corregedor da comuna.

Chama-os a capítulo, no átrio da Catedral.
O *Trovador de Deus*, moribundo, mas fiel à jornada

de Semeador, na presença dos seus fradinhos, entoando o *Cântico ao Sol*, acrescentando-lhe esta nova estrofe, esta admoestação ao Bispo e ao Corregedor:

— Louvado sejas, meu Senhor, por aqueles que perdoam por amor de vós, e suportam penas e tribulações!

O Ministro de Deus nega-se à reconciliação com o inimigo. O magistrado de César lança-se de joelhos, na súplica do perdão. O Jornaleiro da Paz e do Bem continua a cantar. Os inimigos reconciliam-se. Abraçam-se. Confraternizam, arrastados pela torrente de amor e luz do verbo sobre-humano.

E o Jornaleiro abençoa-os, neste outro versículo:

— Bem-aventurados aqueles que vivem em paz, que por vós, Altíssimo Senhor, serão coroados!

A sombra do crepúsculo abeira-se. A doce Jaquelina, *Il Frate Jaquelina* como ele designa a bem-amada discípula romana, acode-lhe com a mortalha, cobertura de burel feita da lã dum cordeiro que o Mestre lhe havia oferecido. Acode-lhe, acima de tudo, com o sacramento do último adeus. Ele agradece, sorrindo. Ele sorri, olhos fitos na morte. Ele deita-se, semi nu, na terra fria. E canta outra vez, em coro, no coro, por deprecada sua, Frei Leão e Frei Ângelo. Canta a derradeira estrofe do *Cântico das Criaturas*, estrofe composta e entoada de olhos fitos na Eternidade:

— «Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã Morte corporal, a que nenhum vivente pode subtrair-se!»

E morre! E assim morre, cantando, quem a cantar viveu.

Vou terminar a minha geira. Pobre caminheiro deste Vale de Lágrimas, na sede e na fome da Beleza e da Verdade, entrei no horto do Esposo da Senhora Pobreza e lancei-me ao rebusco das *fioretti*, — flores de incomparável matiz, que não murcham com o tempo; que os séculos, ao contrário, rejuvenescem; flores impregnadas dum incenso que se confunde com o das parábolas de Cristo. Termina a geira de hoje, colhendo mais uma flor no horto do *Poverello* — esta, pequenina que nem um bem-me-quer, mas cuja linguagem, muito sim-

ples, nos diz todas as bem-querenças contidas nos Evangelhos. Um nadinha no tamanho. Mas tão viridente, tão olorosa, tão de Ele, que a aspiramos, e é como se sentíssemos florescer no coração o coração do Amoroso — o nosso coração a rescender incensos de amor do Próximo.

Atentemos no pequenino grande Poema do mais Santo dos Poetas e do mais Poeta dos Santos:

— «Senhor! Fazei-me instrumento da vossa Paz! Onde houver ódio, consenti que eu semeie Amor. Que semeie Perdão, onde houver injúria; Fé, onde houver dúvida; Esperança onde houver desespero; Alegria onde houver tristeza.

Divino Mestre! Permiti que eu procure mais consolar, do que ser consolado; mais ser compreendido, do que compreender; amado, quanto amar! Porque, é dando que recebemos; perdoando, que somos perdoados.

Como é morrendo... que nascemos para a Vida Eterna! »

Porto — Conventinho de Contumil, — 1948.